

O corpo que sofre: considerações sobre a linha de tensão entre a carne e o elemento técnico em *Neurolink*

Aline Amsberg de Almeida
alineamsberg@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4170894125749939>

“Os cirurgiões podem esperar! [...] preciso capturar esta reunião para meu NP. Vocês não entendem!” (BUCKNER. 2004. p.7) Após o acidente que o deixou à beira da morte, Richter participa da reunião de negócios preso a uma “complicada cinta de aço à cabeceira da mesa” (Ibid. p.7) e, com seu corpo extremamente danificado e a consciência de estar à beira da morte, percebe a importância de gravar outra parte de sua alma para seu Perfil Neural (NP: *Neural Profile*), pois somente assim ela não será perdida. Richter é o presidente do maior banco do mundo – o *ZahlenBank* – e sofreu um acidente que deixará seu filho Dominic encarregado de continuar seus negócios.

O NP é o conjunto gravado das informações de Richter, um perfil eletrônico gravado em uma caixa cinza, capaz de reproduzir a personalidade de seu usuário e que na maioria das vezes demonstra utilizá-las de acordo com a própria vontade. A ideia da gravação eletrônica daquilo que se chama “mente” ou “alma”, dependendo do caso, é um *leitmotiv* comum na literatura de FC (ficção científica) contemporânea, principalmente tendo ganhado força a partir do movimento *cyberpunk* dos anos 80 em diante. A grande questão trabalhada com esse aparato técnico é a imortalidade, que em *Neurolink* vem carregada com o peso da visão de uma tecnologia demoníaca, numa lógica maniqueísta que traduz um pensamento ainda persistente dentro do modo FC.

Após a morte de seu pai, Dominic precisa assumir a liderança do *ZahlenBank*, e essa tarefa implica em resolver uma pendência: libertar o *Benthica*, um submarino extrator de depósitos minerais nas profundezas do oceano Ártico, ainda ativo mas atualmente inútil, tripulado por milhares de trabalhadores e suas famílias. Dominic deve então descer até o submarino, acompanhado de Major Qi, uma agente disfarçada, e a caixa cinza que se autoconsidera seu pai. No escritório, antes de sua descida ao *Benthica*, ele conversa com o NP:

Ele levantou o olhar para ver um holograma projetado pela caixa cinza. O brilho se resolveu em uma imagem de seu pai [...]

“Filho, a última coisa que quero é colocá-lo em risco. Você é minha vida.” O holograma sorriu com afecção e levantou os braços para um abraço. Aquilo foi demais.

Dominic virou-se bruscamente para a mesa. Ele agarrou a caixa cinza e arremessou-a contra a janela. [...]

“Acho que isso foi um pouco prematuro de minha parte [...] me perdoe filho. Não farei isso novamente até que você esteja pronto.”

“Vá para o inferno! Eu não sou seu filho!”¹ (Ibid. p.21)

Durante a história, enquanto o NP repete as palavras de seu pai, Dominic assume a postura de negá-lo como pai, negando assim ser filho da técnica e mostrando a atitude de quem não aceita o homem como um ser criado pelas vertentes possibilitadas por essa técnica. Sendo assim, utilizo para este texto as noções de “carne” e de “elemento técnico” em uma união que forma um ser híbrido composto pelo corpo técnico, ou corpo modificado pela técnica.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que a separação entre a carne e o elemento técnico aqui é possível somente num campo conceitual e não é fundada na separação entre natureza e cultura, há muito questionada por diversos autores. Marchesini, por exemplo chama atenção para o entendimento de que a oposição gene x ambiente é fruto de uma perspectiva essencialista que ignora a construção e modificação mútuas e multilaterais entre genoma e ambiente.

Além disso, essa questão não se resolve com a invocação do híbrido ou pelo fato de ele unir dois elementos separados conceitualmente: carne e elemento técnico são parte de uma única realidade na noção de híbrido e, embora não sejam o mesmo elemento, não podem tampouco ser dissociados. Assim, o híbrido ajuda tanto a entender a forma como o inato e o adquirido se constroem e se complementam mutuamente, quanto a realizar a quebra de paradigma essencialista que opõe natureza e cultura ao mostrar que são inseparáveis, apesar de encarnarem conceitos distintos. Tomo o híbrido como uma forma de elaborar essa questão – um método, talvez – e uma porta de entrada para o mapeamento desse corpo na literatura de FC contemporânea. Em outras palavras, o conceito de híbrido usa o corpo para funcionar como uma maneira de perceber o fim da dicotomia natureza x cultura.

É importante explicar também que carne e corpo não são sinônimos neste caso, pois embora ela represente o elemento não técnico e orgânico presente no híbrido e, creio, em todos os seres humanos a partir de sua concepção, ela

¹ Todas as traduções de *Neurolink* presentes neste artigo são de minha responsabilidade.

também representa para este trabalho aquilo que é produzido pelo corpo de forma não técnica; o exemplo patente aqui é a memória. Carne, então, serve para nomear aquilo que possui uma consciência e não foi criado pela técnica, mesmo sem ter talvez uma organização interna.

Pensar o corpo significa pensar a carne, pois acredito que sem ela o primeiro é impossível. Significa também desvencilhar-se de algumas certezas históricas carregadas até aqui, como a possibilidade da separação entre corpo e alma/mente, ou a ideia do corpo-máquina, fantoche divino talvez, ou análogo das construções tecnológicas que competem injustamente com as capacidades corporais humanas mostrando, para o terror do criador, a potência da criatura. Segundo Breton, “A assimilação do corpo ao mecanismo tropeça contra o resíduo que ela é constrangida a negligenciar sob pena de invalidar-se: o homem” (BRETON. 2011. p.126). Assim, ao se transformar o corpo em maquinário, ignora-se o próprio humano como seu fator essencial e o corpo deixa de ser o lugar da experiência e passa a abrigar um conjunto de peças infinitamente destacáveis e remontáveis, fazendo com que a carne perca o sentido.

Ao analisar a obra do pintor Francis Bacon, Deleuze vê na carne aquilo que chama de “zona de indiscernibilidade”, ali onde o homem encontra o devir animal. Vê também a vianda, “esse estado do corpo em que a carne e os ossos se confrontam localmente, em vez de se comporem estruturalmente” (DELEUZE. 2007. p.30). A vianda de Deleuze é, então, o que chamo neste trabalho de carne, pois não compete com os ossos, não desce deles, conforme a explicação do filósofo, mas os abrange dentro de seu conceito, assim como unhas, cabelos, memória, afetos, alma, etc. O humano consciente. A cabeça sem rosto (Ibid. p.34). Em *Neurolink*, a carne está constantemente em conflito com a tecnologia, odeia a imitação da voz humana e se recusa a chamar o NP de pai. Dominic realiza em seu corpo a tensão entre a carne e o elemento técnico, pois, apesar de desprezar o NP e constantemente tentar rejeitar suas palavras, sabe ser impossível se livrar da companhia tecnológica e tem a consciência de que o corpo sem a tecnologia é natimorto.

Por outro lado, o elemento técnico é aquilo que foi criado pela mão humana e serve para modificar a realidade, que realiza o “enquadramento” do qual fala Heidegger em “A questão da técnica” e que modifica a materialidade inicial do corpo e seu funcionamento psicofisiológico, conforme pontua Andrieu (2007.

p.33). Supondo-se essa materialidade inicial do corpo como a carne possível, temos o elemento técnico como fator de construção da carne, a partir do momento da gestação em que, por exemplo, procura-se um médico para saber o sexo do feto e a partir dali toda uma construção de gênero é feita para o ser humano por vir; ou com os exames realizados na ocasião do nascimento e as possíveis correções, medicações, medições, incubadoras, previsões de doenças futuras, etc.

Sendo assim, o conflito entre a carne e o elemento técnico aumenta quando Dominic começa sua viagem de descida ao *Benthica*. Durante uma breve discussão, ainda antes de chegar ao submarino, Major Qi provoca um curto-circuito no ponto de pulso dele e logo sai do barco que deve levá-los até lá – o *Devi* –, fazendo com que Dominic precise tomar a decisão de carregar ou não consigo a caixa cinza, aparentemente sua única conexão com o mundo terrestre. Nesse momento, Major Qi, que saiu para ajudar algumas pessoas presas em um amontoado de lixo, pede a ajuda de Dominic, chamando-o para ir até o local, sendo que para isso ele precisa deixar tudo o que está carregando no barco e levar somente uma bolsa de água.

Ao perceber o dilema em que se encontra seu filho-antifrião, o NP segue sua racionalização da situação, agindo na tentativa de um afastamento da carne e do humano: “Não abandone seu assento [...] diga a ela que ela está perdendo tempo. Você tem um objetivo crítico. Deveria estar a caminho.” E, logo mais, quando

Dominic procurou um bom lugar para guardar sua pasta, [...] o NP pareceu adivinhar sua intenção. “Filho, não me desligue. Leve a pasta com você. Sou o único em que você pode confiar.”

Dominic apertou os molares e sentiu o músculo de sua mandíbula estremecer. “Você está me vigiando por satélite. Certamente posso sobreviver alguns minutos sem seus conselhos.” (BUCKNER. 2004. p.40)²

A seguir, ainda na mesma cena, após uma pequena tormenta em alto mar, Dominic aterrorizado percebe que o *Devi* desapareceu. Ao perguntar a Major Qi onde está o barco, ela responde que foi preciso afundá-lo, pois não podia arriscar ser encontrada, visto que estavam viajando disfarçados e o NP poderia entregar sua localização por satélite e então seria o fim da missão e os *protes*

² No original

(empregados protegidos, um eufemismo para “escravos”) que moram no *Benthica* seriam todos mortos pela corporação representada pelo *ZalenBahnk*. “Tive que afundá-la. [...] Não podia arriscar que seu NP estragasse nosso disfarce. E a propósito, aquele transponder na sua bunda? Também o apaguei.” (Ibid. p.42)

E dessa maneira, Dominic se encontra por alguns momentos totalmente desamparado pela tecnologia, depois de saber que Major Qi se livrou de todos os seus aparelhos comunicativos que poderiam levá-lo de volta para casa. Nesse momento, Dominic é o homem contemporâneo que descobre ter acabado a carga da bateria de seu computador, o sinal de internet em seu tablet, o sinal de seu celular e da máquina leitora de cartão de crédito. É o desolamento provocado pela suspensão súbita do fluxo de informação, um mal conhecido somente pelo homem na condição de pós-humano e que na maioria das vezes é tomado apenas pela sensação de abandono sem refletir sobre as causas e consequências desse desnortamento.

Apesar do sonho *cyberpunk* de se livrar do corpo (HAYLES. 1999), ainda hoje não conquistado ou superado, é possível perceber em uma obra como *Neurolink* a impossibilidade desse descarte. Quando é retirada a capacidade tecnológica de comunicação ou rastreamento desse corpo – que neste caso significa controle, mas também amparo –, mesmo restando todo o aparato farmacológico representado pelo “sangue executivo correndo em suas veias [...] [a]ditivos desenhados” (BUCKNER. 2004. p.43), ele se percebe à sorte da própria carne e nesse momento pode crescer em tamanho, embora na realidade tenha ficado dimensionalmente menor.

E com isso vem o medo da vida corporal, pois está enraizada no orgânico e, desta forma, sujeita aos perigos que o sinal de satélite não pode impedir, mas de algum modo criava a ilusão de que podia ou talvez apenas desviasse a atenção para outro foco. Dominic encontra um mote ensinado a ele desde criança e que, a partir de agora, irá acompanhá-lo por toda sua história:

A natureza mata. A lição havia martelado em seu cérebro desde o jardim de infância. Um único sopro de atmosfera, uma única gota de chuva, um único grão de poeira do mundo natural carregava poluição suficiente para devorar sua carne. Como todos os executivos, ele tomava suas injeções de antibióticos uma vez por mês [...] mas aquilo não garantia proteção dos grandes e mortais exteriores. (Ibid. p.44)

A carne, neste momento, é confrontada pela própria carne, pois há aqui um embate entre a natureza assassina e a natureza do corpo emoldurado pela tecnologia. Ambas as naturezas são facilmente detectadas como discursivas e ilusórias, porém na ilusão mora a possibilidade que constrói a realidade, se pensarmos que ao perder parte de sua moldura técnica, o corpo reencontra um lugar perdido em sua memória, mas onde teve presença atestada historicamente pela linguagem, um título em que pode se apoiar e encontrar seu direito de afirmar: “A natureza mata.”

O que Dominic sente em seu corpo quando perde as vias de contato com sua casa, representada pela terra firme, é uma falha na comunicação que gera o medo de torná-lo menos vivo. Apesar do desprezo e raiva pelo NP, Dominic sente necessidade e falta dessa comunicação pois através dela pode estar integrado na rede. Assim como Norbert Wiener descreve e explica a cibernética como o conjunto de relações de troca de informação, aprendizado e integração que une seres vivos - ressaltando que por “vivo” ele entende um sistema organizado com participação num fluxo contínuo e capacidade de aprendizado (WIENER. 1954. p.121) -, e da mesma forma que a informação é crucial para a organização, Dominic constata na carne o modo como organismo e caos são elementos complementares, e a comunicação realiza esse fluxo essencial nas relações de informação.

Corpo e máquina são irmãos neste caso, afinal de contas, é a dificuldade de adjetivar ou caracterizar a máquina em oposição a um corpo – seja ou não humano –, tendo em vista ambas as existências observadas em termos opostos, que demonstram a insuficiência e imprecisão de tal definição, na medida em que a tarefa de determinar o limite entre a carne e o elemento técnico faz mais borrar essa fronteira do que torná-la clara aos olhos. É assim que a tensão entre a carne e o elemento técnico neste caso em *Neurolink* pode ser lido como um confronto entre a carne e a tecnologia, mas dentro de uma lógica não separatista e sim complementar na qual a sombra é necessária principalmente para deixar de lado um insistente desejo de totalidade que empurra a criação de conceitos a cobrir o *tudo* ao invés da *parte*. Ou seja, mesmo dentro de um contexto de indiscernibilidade, é necessária essa presença da sombra como elemento definidor de contraste ou fator de equilíbrio entre luz e escuridão, que quanto excessivas causam cegueira.

Dominic mostra, embora sem dar-se conta, que nem sempre o que é vivo opõe-se ao não-vivo, ou a ordem ao caos, quando sente o abandono tecnológico mesmo sabendo que em seu sangue correm fluidos desenhados especificamente para regular e manter sua saúde de executivo. Além disso, esse temor é também um temor da perda da individualidade: “Ela havia retirado tudo dele, e ele havia deixado. Ele precisava rir de si mesmo. Presidente do ZahlenBank, um dos homens mais ricos no planeta, e não podia nem mesmo pedir uma xícara de *caffie*”³ (BUCKNER. 2004. p.45)

Dominic sabe perfeitamente que “[a] identidade física de um ser vivo não consiste na matéria de que é feito” (WIENER. 1954. p.100), e sim que a alma é um composto entre o físico e o não-físico, passível de gravação e reprodução, embora não total. Wiener parece acreditar na praticabilidade da separação entre a porção material e a porção imaterial de um indivíduo, assim como acreditam os praticantes do movimento *cyberpunk*, porém penso que a frase citada acima sirva melhor quando acrescida da palavra “apenas”: “não consiste **apenas** na matéria de que é feito”. Há todo um conjunto na união e troca de informações que compõe um organismo, um sistema organizado. No sistema Dominic foram cortados alguns nós, deixando o todo incompleto. Entretanto, é dessa incompletude que pode surgir um novo sistema, com esses cortes cauterizados e o nascimento de outros nós, maquínicos, humanos e corporais.

O que Wiener defende é essa totalidade no modo “forma” e não “substância”, ou seja, naquilo que pode ser reproduzido. Contudo, uma reprodução do pai de Dominic não é o próprio indivíduo pai, mas um novo ser, legítimo e tecnológico que, embora utilize as falas e a memória gravadas eletronicamente, não consegue ser chamado de “pai” nem é autorizado a chamar Dominic de “filho” em momento algum da história.

Já no início do texto, Dominic entra no escritório de seu pai, após o acidente, e a primeira coisa que observa é a caixa cinza em repouso, “repousava silenciosamente sobre a mesa de seu pai – inofensiva, inerte, dificilmente maior do que dois punhos juntos. Dominic sentiu um impulso de esmagá-la.” (BUCKNER. 2004. p.5) Esse impulso não vingou, talvez, por ele saber que a caixa cinza será um padrasto e a única maneira de manter o contato assim que seu pai

³ No original “a cup of caffie”, uma bebida genérica equivalente ao café, não explicada no texto e sem tradução aproximada.

morrer. Desde o começo, o NP faz o papel frio e racional da história, sem, contudo, deixar de ser humano/humanizado nesse lugar, tranquilizando Dominic ao avisar que sabe de sua localização, lembrando-o de seu objetivo como executivo disfarçado, e sempre repetindo “sou o único em que você pode confiar” e “não se preocupe, garoto, estou aqui” (Ibid. pp.28 e 40), exatamente como um pai possessivo faria. A voz com que essas palavras são ditas gera uma raiva que Dominic carrega durante a história inteira, pois o NP reaparece mais tarde por um ponto em seu olho esquerdo do qual ele não tinha conhecimento ao descer em mergulho no mar.

Enquanto Dominic está esperando na praia por Major Qi para iniciar sua viagem marítima, o NP desenvolve uma fala de convencimento para conquistar a confiança do rapaz que, embora utilize a lógica para o convencimento, o efeito disso acaba sendo quase ridículo:

Não deixe os Orgs intimidarem você [...] eles são máquinas lógicas fracas construídas por engenheiros, enquanto você tem a mim a seu lado. Sou padronizado de acordo com uma das personalidades mais perspicazes e mais inventivas dos últimos tempos. (Ibid. p.27)

Os *Orgs* são seres semiorgânicos inteligentes que orbitam a terra quase imperceptivelmente, são uma lenda da infância de Dominic por assemelharem-se a gigantescos heróis robóticos guardiões do planeta. Ao atingir a idade adulta, porém, Dominic passa a entender que os *Orgs* são seres defensores do livre mercado e protetores da lei, ou seja, inimigos do banco de seu pai. Sendo assim, ao argumentar contra os *Orgs* e em favor de si mesmo como superior, o NP se torna de certa forma caricato na maneira como coloca a questão, afinal ele próprio não passa de uma lógica eletrônica construída por engenheiros, com diferença de tamanho e de carregar uma personalidade humana.

Ao falar do corpo como excesso, Breton explica que, embora as diferenças entre um sistema maquínico e um sistema animal não sejam de ordem ontológica, se pensarmos que “o que faz o espírito [do homem] não passa de um jogo de informações” (BRETON. 2003. p.186), elas podem ser de ordem prática:

O computador não tem a maleabilidade do espírito humano, nem sua aptidão de transformar uma informação em significação. Não tem nem a “consciência marginal” que torna o homem sensível a uma profusão de fatos de seu meio segundo o interesse que lhes dedica, nem a capacidade de reduzir a ambiguidade de uma palavra ou de uma situação, vinculando-as a um contexto preciso, nem a de generalizar, por

comparação intuitiva, dados da mesma natureza a fim de distinguir de imediato o essencial do acessório. (Ibid. p.188)

Nessa perspectiva, o NP se aproxima do humano no esforço para realizar esse julgamento que o torna flexível como o espírito, mostrando a Dominic de onde tirar forças, que caminho seguir para não perder o foco de sua missão. Contudo, no decorrer da história, é possível perceber que essa flexibilidade se torna rigidez e o comportamento do NP começa a se afastar da ideia de um espírito humano, ou mesmo de uma alma – pensando que teoricamente ele seria a alma do pai de Dominic. E, ainda assim, creio ser possível e aceitável usar a palavra alma para descrever essa inteligência artificial, visto de que dentro do contexto e da lógica argumentativa da história o NP é, sim, uma alma, por se tratar da reprodução da personalidade do pai, apesar de se revelar um novo ser, que utiliza essa personalidade gravada como base para a construção de uma subjetividade nova e única.

Se um organismo pode ser visto como mensagem, da maneira como pontua Wiener, opondo-se à desorganização e à morte, o NP pode e deve ser visto como um organismo, pois está muitas vezes mais próximo da ordem do que o próprio Dominic ou mesmo seu pai, para estes fins. O corpo é, nessa visão, construção e reprodução de padrões, próprios ou retirados de outras fontes, regulados através da *homeostase*, um mecanismo de realimentação e equilíbrio que regula as alterações nesse organismo. Sendo assim, o ambiente torna-se a fonte da vida de um organismo, seja ele traduzido em alimentação, ar, água, calor, etc., elementos que formam esses padrões (WIENER. 1954. p.95).

No caso do NP, sua fonte de *homeostase* será sempre a união entre o suporte em que está calcado e o canal por onde se comunica: a caixa cinza e seu holograma projetado para falar com Dominic, o ponto no pulso e as ondas eletromagnéticas trocadas com o satélite, o ponto no olho esquerdo e as transmissão de informação através da subvocalização de Dominic e a resposta emitida diretamente em seus centros nervosos. Afinal, uma mensagem também é um padrão, e sem ela o NP não sobrevive e não tem a finalidade prática do espírito humano pontuada por Breton.

Para finalizar esta breve análise, gostaria de chamar a atenção para a formação do híbrido, que pressupõe mutação, o fator decisivo na evolução. Segundo Hayles, a mutação é aquele ponto de bifurcação tornado possível

somente em função da interação complementar – não binária – entre ordem e desordem, ou padrão e aleatoriedade (HAYLES. 1999. p.33). Sendo assim, só é possível evoluir a partir de uma situação que, em primeiro lugar, seja baseada em um padrão – como o corpo, por exemplo – e, em segundo lugar, viabilize a destruição desse padrão para o nascimento de um novo: a mutação é aquilo que prova a existência do padrão através de seu rompimento.

Dessa forma, o híbrido é aquele corpo que resulta do rompimento da carne como padrão conceitual dentro de um paradigma de incompletude do ser humano. Esse rompimento da carne nada mais é do que uma travessia de fronteiras realizada pela própria carne quando utiliza o elemento técnico como ferramenta de dilaceração das bordas definidoras do limite humano. Dominic entende essa mutação hibridativa tanto quanto o NP e ambos demonstram ter medo da separação entre a carne e o elemento técnico, sem saber, porém, que essa separação não é possível em termos práticos.

O corpo já sofreu muitas mutações na história da FC e, por isso, foi forçado a evoluir em novas direções que hoje são extrapoladas em obras como *Neurolink*. Uma das grandes funções da literatura em geral é o questionamento do humano como estatuto e condição, que na literatura de FC é feito através da transformação da realidade através de um elemento técnico que pode ser um aparelho totalmente novo e inexistente - porém verossímil -, de um novo conceito regulador de relações humanas e tecnológicas, ou de uma recontextualização temporal ou espacial, entre muitas outras maneiras que visam a esse resultado. Em *Neurolink*, o corpo é, a meu ver, a forma utilizada para esse questionamento, pois pode estar presente insistentemente em sua composição que unifica a carne e todo um aparato técnico capaz de esclarecer o fato de que corpo e híbrido são, neste caso, dois nomes para o mesmo ser.

Referências bibliográficas

ANDRIEU, Bernard. L'intégration des hybrids. **Pratiques sportives at handicaps**, Lyon: Cronique Sociale, 2007. Direção de Joël Gaillard.

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003[1999].

BUCKNER, M. M. **Neurolink**. New York: Ace Books, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HAYLES, N. Katherine. **How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. Tradução de Marco Aurélio Werle.

MARCHESINI, Roberto. **Postumanesimo: la tecnologia come volano di ibridazione con l'alterità animale**. Revista Estropico, disponível em < <http://www.estropico.com/id97.htm> >. Acesso em 20 dez. 2013.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1954 [1950]

SOBRE O AUTOR

Aline Amsberg de Almeida possui graduação em Letras pela ULBRA – Canoas (2007) e Mestrado em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2010). Atualmente é doutoranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Orlando Seligmann-Silva. Bolsista de doutorado do CNPq desde 2011.